

ENSINO E HISTÓRIA: O USO DAS FONTES HISTÓRICAS COMO FERRAMENTAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

Erica da Silva Xavier
Prof. Dra. Maria de Fátima da Cunha (Orientadora)

RESUMO

O professor não age apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um mediador entre o objeto a ser apreendido e o aluno. Para tanto, o docente se vale de várias ferramentas mediadoras que o auxiliam nesse processo, como um objeto da cultura material, uma visita a um museu, ou mesmo uma imagem ou música. Este artigo aborda a possibilidade de se pensar a utilização da canção enquanto documento histórico durante as aulas, pois são produções culturais, carregadas de significados, tanto de forma implícita, quanto explícita. As fontes históricas ao serem remetidas no auxílio da produção do conhecimento em história, na prática de sala de aula, tornam-se ferramentas culturais. As fontes históricas não devem ser simplificadas a uma mera ilustração de conteúdos, uma vez que se traduzem em artefatos culturais repletos de intencionalidades. As fontes devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura cognitiva do aluno: demonstrar as representações que determinados grupos forjaram sobre a sociedade em que viviam como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço; como servir para que o aluno seja capaz de fazer diferenciações, abstrações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades as quais estamos submetidos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; ferramentas culturais; fonte histórica.

INTRODUÇÃO

Uma das temáticas pertinentes à discussão sobre ensino de história nas últimas décadas se refere ao uso de documentos históricos na prática de sala de aula e mais especificamente desde o fim do século XX até o momento, com vistas à produção do conhecimento em sala de aula. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontam para a necessidade de demonstrar ao aluno de que forma a história é feita, fator que se refere diretamente a fontes históricas. Neste sentido Luiz Fernando Cerri e Angela Ribeiro Ferreira salientam que:

[...] os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, música e rítmica (CERRI; FERREIRA, 2007, p. 72).

Assim tem se tornado comum que alguns documentos como uma imagem, uma canção ou um objeto da cultura material apareçam com certa frequência nos materiais didáticos e através do professor na prática de sala de aula, como mediador na aprendizagem da história.

Devemos considerar que o professor assume uma função mediadora na sala de aula, uma vez que ao ensinar história não reproduz o conhecimento, mas transmite sua própria representação da história sobre determinados conteúdos.

Neste sentido, o professor atendendo a função cognitiva da aprendizagem do aluno pode transformar essas fontes em ferramentas para demonstrar ao aluno de forma didática que a história é feita de vestígios deixados pelos homens do passado e que se constituem no material com o qual o historiador vai utilizar para compreensão de como determinadas sociedades se estabeleceram em determinados tempos/espacos.

O professor ao se utilizar da fonte histórica não a utiliza como os historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte. A fonte torna-se então, uma ferramenta psicopedagógica³²⁴ que poderá certamente auxiliar o professor na difícil tarefa de estimulação do imaginário do aluno na aprendizagem da história.

Para tanto, procuramos compreender como a fonte se estabelece para história dos historiadores, e como esta se torna uma ferramenta interdisciplinar ao ser apropriada pelo ensino no processo de produção de conhecimento histórico em sala de aula. As fontes históricas devem ir além de meras ilustrações de conteúdos.

DA CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE FONTE HISTÓRICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE HISTÓRIA

As fontes históricas são o material o qual os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. (PINSK, 2005,

³²⁴ Pedagogia baseada na psicologia científica da criança. Neste trabalho privilegiamos a abordagem dada pelo teórico Lev Semenovich Vygotsky, ao estudar a atribuição de significados entre a linguagem e o pensamento. Ver: VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. In: www.jahgr.org.

p.7). Atualmente o conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, entendendo-as como vestígios de diversas naturezas deixados por sociedades do passado. Entretanto, o historiador deve dominar métodos de interpretação, entendendo que as fontes devem ser criticadas e historicizadas.

Desde metade do século XIX quando a História se estabelece como disciplina acadêmica, métodos rigorosos de análises foram impostos, privilegiando o documento escrito e oficial, pautando-se na autenticidade do documento, tendo este como o "relator da verdade", do fato histórico em si. Essa concepção está intimamente ligada à escola metódica de preceitos positivistas, que acreditava que a comparação de documentos permitia reconstituir os acontecimentos do passado, desde que encadeados numa correlação explicativa de causas e consequências (JANOTTI, 2005, p.11).

Após 1930 com a contribuição da escola dos Anales, influenciados pelas teorias de Karl Marx sobre a pretensa objetividade imparcial da história e o materialismo histórico, o fato descrito através dos documentos oficiais deixa de ser visto como portador de uma verdade irrefutável, uma vez que o fato histórico deveria ser construído pelo historiador a partir de uma conjunção entre o presente e o passado. Desta forma, o próprio sentido dado ao documento também se ampliou deixou de ser apenas o registro escrito e oficial e não importava mais a veracidade do documento. (SILVA, 2006, p.159). Segundo Silva,

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação

com a sociedade que o produziu. (SILVA, 2006, p.162)

Influenciados pela historiografia dos *Annales*, os seguidores da Nova História na segunda metade do século XX abarcaram em seus estudos históricos as mais diversas fontes como a literatura, as imagens ou a cultura material. Este fator modificou o conceito de fontes históricas, entendendo-as como vestígios, registros do passado ligados diretamente aos estudos como o cotidiano, o imaginário, a alimentação, as tradições, a cultura, etc. No entanto, os documentos escritos não perderam seu valor, mas passaram a ser reinterpretados partindo de técnicas interdisciplinares.

Na historiografia, uma obra que se destaca sobre a ampliação das fontes para história, assim como na sua interpretação foi a de Jacques Le Goff e Pierre Nora (1974), as novas abordagens, novos problemas, novos objetos colocado em debate pela a coletânea com o mesmo título, trouxe contribuições de vários autores, com Paul Veyne, Michel de Certeau, entre outros, para pensar em uma história do clima, da cozinha, o inconsciente, cinema, festas, o mito, etc. (JANOTTI, 2005, p.15).

Para tanto, novos objetos se fizeram necessários. Todos os tipos de vestígios inscritos no passado como um livro de receita, fotografias, cinema, músicas, enfim uma série de elementos que auxiliariam o historiador na busca de compreender como se estabeleceram os homens do passado, qual significado tais objetos adquiriram para estas sociedades, para os grupos que o forjaram e no que tange sua relação com o presente.

A utilização das fontes histórica não trata de buscar as origens ou a verdade de tal fato, trata-se de entender estas enquanto registro testemunhos dos atos históricos. É a fonte do conhecimento histórico, é nela que se apóia o conhecimento que se produz a respeito da história. Elas indicam a base e o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se buscam compreender. (SAVIANI, 2006, p.30)

A discussão sobre as fontes neste trabalho, ainda que de uma maneira sintetizada, busca demonstrar qual o material que os historiadores utilizam ao fazer a história. As fontes históricas são para os historiadores, aquilo que o permite moldar seu pensamento sobre a história, seria o barro para o artesão, que forja entre seus dedos uma representação do que ele próprio está envolvido.

Quando o historiador trabalha com as fontes históricas, este, como se pode observar tece determinadas interpretações, influenciado pelo seu presente. No entanto, o historiador, a partir de outros textos, de elementos diversos inscritos em uma historicidade específica, contextualizada, busca a compreensão do significado de tal fonte, busca qual representação de mundo esta inserida o grupo que a forjou.

As fontes são nesse sentido, artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidade pelos grupos que a originaram. Assim para Bloch: "Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele". (BLOCH, 2001, p.79.).

Neste sentido, o passado deve servir para compreender como viviam os homens do passado, e principalmente estabelecer a relação com o presente. Ainda segundo Bloch: "A ignorância do passado não se limita

a prejudicar a compreensão do presente; compromete no presente a própria ação". (BLOCH, 2001, p.65)

Acreditamos dessa forma, serem as fontes históricas se utilizadas de uma maneira que considere o desenvolvimento cognitivo envolvido na relação de ensino /aprendizagem em história, capazes de tornarem-se ferramentas no sentido amplo que esta pode alcançar auxiliando a compreensão do presente através do passado.

Não se trata de formar pequenos historiadores, ou que estes estejam a par das discussões historiográficas, mas instigar através do ensino de história uma prática que Segundo Rüsen: "Permita ao indivíduo a indagação sobre o passado de forma que a resposta lhe faça algum sentido no presente e que de alguma maneira esse sujeito encontre uma orientação histórica para a sua vida cotidiana". (RÜSEN, 2007: p.133).

Ainda para o autor, a partir da prerrogativa acima, o indivíduo seria capaz de alcançar a consciência histórica, que remete ao entendimento das várias temporalidades a qual estamos submetidos, pensando em uma história que não é linear, mas de mudanças, de rupturas que de tempos em tempos determinam as representações forjadas pela busca de orientação do homem no tempo. As fontes históricas seriam as evidências do passado que certamente poderiam auxiliar a imaginação histórica do aluno. (ASHBY, 2006, p.151-168)

O USO DAS FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA: O DOCUMENTO HISTÓRICO E SUA UTILIZAÇÃO COMO FERRAMENTA NA APRENDIZAGEM HISTÓRICA.

Não é recente a idéia de que pressupomos que os alunos entram em contato com a história especialmente através de meios de

comunicação como a televisão, games, imagens, HQ, canções, enfim, uma série de objetos que fazem parte do cotidiano das sociedades atuais. Pelo mesmo motivo estes elementos que remontam à história, podem permitir ao aluno que este recrie a história em sua estrutura cognitiva, ainda que em um primeiro momento, partindo de sua própria vivência, de seus valores e tradições.

Os alunos quando adentram o universo escolar, possuem idéias tácitas sobre os acontecimentos ou instituições históricas e essas idéias funcionam como fonte de hipóteses explicativas na senda de compreender o passado, as instituições, as pessoas, os valores, as crenças e os comportamentos (MELLO, 2001, p.45).

As fontes históricas assumem um papel fundamental na prática do ensino de história, uma vez que são capazes de ajudar o aluno a fazer diferenciações, abstrações que entre outros aspectos é uma dificuldade quando tratamos de crianças e jovens em desenvolvimento cognitivo. No entanto, diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores na atualidade (FONSECA, 2005, p.56).

O professor age como um mediador e através do diálogo, ou seja, do entrelaçamento entre sua fala e a fala do aluno de forma dinâmica propicia a atribuição de novos significados sobre a história, sobre conceitos históricos. Este pode utilizar mediadores culturais (fontes históricas) tentando circular assim uma interação entre um objeto da história e as representações que os alunos irão formar sobre a história. Assim:

A presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura, material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos

de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível “imaginar”, reconstruir o não vivido diretamente, por meio de variadas fontes documentais. “(SIMAN, 2004, p.88)”.

Nesse sentido, as fontes históricas forjadas a princípio num circuito de historiadores que as legitimam enquanto tal através do discurso histórico poderá ir além, tratando-se da relação de ensino/aprendizagem da história. Elas podem durante as aulas torna-se uma ferramenta cultural capaz de permitir ao aluno fazer diferenciações entre o passado e o presente através da contextualização das fontes na história.

Ao fazer uso das fontes como ferramenta de aprendizagem não se deve, no entanto, descaracteriza-la como documento histórico. O aluno deve perceber de que forma a história é escrita e qual o valor simbólico destes artefatos para determinadas sociedades.

Segundo Carlos Nogueira Fino,

A inclusão de uma nova ferramenta ela própria portadora de uma carga cultural anterior, que conduziu a concepção e construção num processo de comportamento, introduz diversas funções novas relacionada com uso de referidas ferramentas e com seu controle (...) Assim, a utilização de artefatos, deve ser reconhecida como transformadora do funcionamento da mente, e não apenas como meio de facilitar processos mentais já existentes. (FINO, 2001, s/p)

É necessário ampliar o conceito de ferramenta de maneira a entendê-la como capaz de auxiliar o estabelecimento de uma ação

complexa na estrutura cognitiva do aluno e sua compreensão da história. É necessário que a ferramenta seja pensada como parte do sujeito em si, uma vez que esta auxiliará o aluno a formar conceitos sobre a representação que o aluno fará dos conceitos históricos.

Para pensarmos a idéia de ferramenta cultural e a inter-relação entre história e ensino³²⁵ nossos estudos, apóiam-se nas concepções trazidas por Lev Semenovich Vygotsky. O autor contribuiu para área da psicologia, da pedagogia e recentemente para história, atribuições que longe de serem ultrapassadas, nos ajudam a compreender o aluno como um agente social e como se estabelece os significados que se expressam através da linguagem e antes na estrutura cognitiva do indivíduo em suas fases iniciais.

O autor privilegia a aquisição de conhecimento pela interação do sujeito com o meio, o sujeito é interativo, adquire conhecimento a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. (RABELO; PASSOS, 2009, s/p)

A criança possui o que ele denomina de uma zona de desenvolvimento potencial, com o auxílio das ferramentas e através da mediação o professor seria capaz a partir das generalizações, estimularem a formulação do pensamento por conceitos, uma vez que: "O adulto não pode transmitir a criança o seu modo de pensar. Apenas lhe fornece o significado já acabado de uma palavra, em torno do qual a criança forma um complexo". (VYGOTSKY, 2007, p.44-100)

A construção de significado pelo indivíduo é estabelecida socialmente em uma relação de aprendizagem que supõe trocas, diálogos,

³²⁵ Os autores Coller e Scribner, em prefácio à obra de Vygotsky, *Mind in Society*, encontram nessa obra uma influência do materialismo dialético afirmando que ela explora o conceito de ferramenta de modo que encontra antecedentes diretos em Engels. Ver: FINO, Carlos Nogueira, 2001, s/p

análises que tomam sua forma concreta na linguagem, sem ela o homem não seria social, histórico ou cultural.

Ainda segundo Vygotsky:

O significado de cada palavra é uma generalização, um conceito e como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamentos, podemos encarar o significado como um fenômeno do pensar. (VYGOTSKY, 2007, p. 75-100).

Os conceitos se formam pela capacidade de significação que o indivíduo vai adquirindo ao longo de seu desenvolvimento biológico e cognitivo, que não se estabelece de forma mecânica, mas por atribuição de sentidos. As ferramentas são em sua essência transformadoras da mente. “Os processos sociais e psicológicos humanos formam-se através de ferramentas, os quais servem para proceder a mediação entre os indivíduos e o meio físico que o envolve”. (FINO, 2001, s/p)

Dessa forma, as fontes históricas quando assumem também uma função pedagógica mediada pelo professor, deve ser entendida como capaz de construir significados específicos que vão auxiliar o aluno a fazer abstrações, diferenciações o que levará este a constituir determinados conceitos sobre a história.

É importante no processo de significação que o aluno fará das fontes históricas que este perceba através de outros textos, da ampliação do sentido destas fontes, que se trata de artefatos culturais, repletos de historicidade. O professor deve considerar que os alunos possuem pré-conceitos (no sentido de não terem conceitos formados) sobre a história quando se defrontam com o aprendizado em história.

Neste sentido, as fontes não devem ser usadas somente como ilustração, pois possuem uma função específica para o ensino de história. Deve-se enquanto professor, considerar as operações cognitivas que o aluno sofre ao usar sua imaginação para tentar criar um raciocínio histórico, não basta apenas que o aluno evidencie os temas históricos, mas consiga estabelecer a relação presente e passado: “propiciar a eles além do que a experiência vivida pode revelar, identificando, nos testemunhos do passado, elementos de continuidade e de ruptura”. (SIMAN, 2004, p.89)

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Quando tratamos do ensino de história, dialogamos diretamente com duas áreas do conhecimento, uma que trata da história em si e sua referência acadêmica, e outra que considera sua relação com a aprendizagem e com a estrutura cognitiva do aluno. Conciliar as prerrogativas teórico-metodológicas que envolvem estas áreas é imprescindível.

Devemos entender que escola também produz conhecimento histórico, esse saber não é de fato nem superior nem inferior ao acadêmico, apenas diferente, e negar a sua existência é ignorar a sua influência cultural e social. (CHERVEL, 1990, p.177-229)

Para tanto, é necessário desconstruir a idéia, entre outras, que o professor é um simples reproduzidor de conhecimento, este em sua ação também cria suas próprias representações e faz uma seleção ao atribuir determinada importância entre um ou outro conteúdo histórico, ou privilegiar determinados objetos históricos na construção dos conceitos históricos. (BITTENCOURT, 2008, p.135). Nesta perspectiva o professor deve ser visualizado como um mediador entre os conceitos e conteúdos sobre a história e a aprendizagem que o aluno fará desta.

Privilegiamos neste trabalho, a relação entre o conceito de fontes que os historiadores utilizam para tecer o discurso histórico e a função de ferramenta cultural que as fontes assumem quando é proposta nas aulas de história a fim de produzir conhecimento histórico.

Assim, “podemos afirmar que as construções realizadas na sociedade em que se vive se constituem em símbolos que expressam a cultura e a consciência histórica dessa mesma sociedade”. (CUNHA, 1996, p.57). O debate essencial para a sala de aula, ao ver deste trabalho, seria criar meios para que o aluno compreenda a prerrogativa exposta por Cunha.

As fontes históricas ao serem remetidas no auxílio da produção do conhecimento em história, na prática de sala de aula, tornam-se ferramentas culturais. O sentido desta ferramenta deve mobilizar os conhecimentos que os alunos possuem em conciliação com outros textos, outros objetos que se dá através da própria subjetividade que professor evoca ao ministrar as aulas de história.

As fontes enquanto ferramentas psicopedagógica assumem uma posição favorável no imaginário histórico do aluno. Elas demonstram as evidências do passado e como os grupos que a forjaram idealizavam a sociedade em que viviam. Essa possibilidade de aproximação com o fazer do historiador permitiu o desenvolvimento de uma nova postura frente ao conhecimento histórico, o qual deixa de ser um saber pronto, acabado e cristalizado, e passa a ser compreendido como fruto de uma construção social (DUTRA, 2005, p.785).

Porém, reafirmamos que as fontes históricas não devem ser simplificadas a uma mera ilustração de conteúdos, uma vez que se traduzem em artefatos culturais repletos de intencionalidades. As fontes devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura

cognitiva do aluno: demonstrar as representações que determinados grupos forjaram sobre a sociedade em que viviam como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço; como servir para que o aluno seja capaz de fazer diferenciações, abstrações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades as quais estamos submetidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHBY, Rosalyn. **Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares.** In: Educar, Curitiba, Especial, p.151-170, 2006. Editora UFPR.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Notas sobre a demanda sociais de representação e os livros Didáticos de História.** IN: O livro Didático de História: políticas educacionais, pesquisa e ensino. (ORG) Margarida Maria Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamatto. EDUFRN, Natal: 2007

CHERVEL, ANDRÉ. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.** IN: Teoria e Educação, 2, 1990.

CUNHA, Maria de Fátima. **Cantando o Brasil pós-64.** IN: Revista do laboratório do Ensino de História/UEL. Editora UEL: nº2, 1996.

DUTRA, Soraia Freitas. **As crianças e o desenvolvimento da temporalidade Histórica. IN: Dez anos de pesquisas em ensino de História.** VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História. José Miguel Arias Neto (ORG). Londrina: Atrito Art, 2005.

FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas.** Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 002. Universidade do Minho Braga, Portugal, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História.** Campinas - SP: Papirus, 2005.

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O livro Fontes históricas como fonte.** In: Fontes históricas. PINSK, Carla Bassanezi (org). São Paulo: Contexto, 2005.

MELLO, Maria do Céu de. **O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos-no rastro da escravatura.** IN: Barca, Isabel (org). Perspectiva em Educação Histórica. Centro de Estudos em Educação e Psicologia: Universidade do Ninho, 2001.

PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> acessado em 20/12/09.

RUSEN, Jörn. **Didática - funções do saber histórico**. In: História Viva: teoria da História, formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevan de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogénica relativa a la conciencia moral**. In: Proposta Educativa nº 7, Buenos Aires, Flasco, 1992.

SAVIANI, Demerval. **Breves considerações sobre fontes para história da educação**. In: Revista HISTEDBR *On-line*, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, edição n. 2, 2006.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **“O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos”**. In: ZARTH, Paulo A. e outros (orgs). Ensino de História e Educação. Ijuí: Ed. UNIJUÍ: 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. In: www.jahgr.org. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Acesso 09/04/2007.